

## Artigo

### Notas sobre a historia da adolescência

**Bruna Rabello de Moraes; Amadeu de Oliveira Weinmann**

**Resumo.** Este artigo tem origem em debates atuais em torno da adolescência. Nesses debates, ele assume a premissa teórica de que a adolescência é uma construção cultural, isto é, de que uma noção de adolescência sempre é tributária do contexto que a define. A fim de escutar discursos sociais sobre esse tema, nos debruçamos sobre alguns estudos históricos acerca da adolescência, assim como sobre algumas produções culturais que participaram da formulação do que se entende por adolescência em cada tempo. A partir das transformações e repetições encontradas, definimos as seguintes categorias de análise, que nos parecem cruciais na compreensão do objeto de nosso estudo: adolescência e rituais de iniciação; marcas iniciais; juventude temida; metáfora da mudança social; subcultura adolescente. Por fim, sugerimos que a adolescência talvez seja, em nossas sociedades, uma dobradiça entre as angústias que conjuramos e a possibilidade de encontrar um destino simbólico para essas angústias.

**Palavras chave:** adolescência; história; psicanálise.

### Apuntes sobre la historia de la adolescencia

**Resumen.** Este artículo se deriva de los debates actuales sobre la adolescencia. En estos debates, asume la premissa teórica de que la adolescencia es una construcción cultural, es decir, que una noción de adolescencia siempre depende del contexto que la define. Para escuchar discursos sociales sobre este tema, examinamos algunos estudios históricos sobre la adolescencia, así como algunas producciones culturales que participaron en la formulación de lo que se entiende por adolescencia en cada momento. A partir de las transformaciones y repeticiones encontradas, definimos las siguientes categorías de análisis, que parecen cruciales para comprender el objeto de nuestro estudio: la adolescencia y los rituales de iniciación; marcas iniciales; juventud temida; metáfora del cambio social; subcultura adolescente. Finalmente, sugerimos que la adolescencia puede ser, en nuestras sociedades, una bisagra entre las ansiedades que conjuramos y la posibilidad de encontrar un destino simbólico para estas ansiedades.

**Palabras clave:** adolescencia; historia; psicoanálisis.

### Notes on the history of adolescence

**Abstract.** This paper finds its origins in recent debates about adolescence. It takes as a theoretical premise that the concept of adolescence is built by each culture. In other words, we assume that what is meant as adolescence always depends of the context where it takes its origin. In order to listen social speech about this subject, we focus

---

\* Psicóloga. Mestre pelo programa Psicanálise: Clínica e Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [brunardem@hotmail.com](mailto:brunardem@hotmail.com)

\*\* Psicanalista, Professor Associado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [weinmann.amadeu@gmail.com](mailto:weinmann.amadeu@gmail.com)

our efforts over some historical studies regarding the adolescence, as well as over some of the cultural productions that formulated what each historical time meant as adolescence. From the transformations and repetitions found, we define the following categories, which seem crucial regarding our object of study: initiation rituals and adolescence; initial marks; feared youth; metaphor of social change; and teenage subculture. Finally, we suggest that adolescence may be, in our societies, as a hinge between the anxieties we conjure and the possibility of finding a symbolic destination for these anxieties.

**Keywords:** adolescence; history; psychoanalysis.

**A**o nos interrogarmos sobre o conceito de adolescência, consideramos importante partir do pressuposto de que o que se entende como um momento de passagem da condição infantil à adulta está condicionado às definições que cada cultura oferta. É nessa relação moebiana entre sujeito e cultura, em que dentro e fora deixam de existir como opostos, que irão se estabelecer as condições de constituição da subjetividade.

Como efeito, a própria noção de adolescência adquire o *status* de uma ideia em permanente mutação. Aquilo que determinada cultura conceitualiza como adolescência não possui nenhuma constante capaz de sedimentar uma significação perene. Ainda que, por vezes, possamos estabelecer como parâmetro o momento pubertário do desenvolvimento, o significado que condiciona a passagem adolescente é tributário ao contexto em que é enunciado. O que entendemos, contemporaneamente, como adolescência não está presente em todas as culturas e, naquelas em que se apresenta, pode estabelecer-se de diversas maneiras. Não nos referimos, portanto, a uma adolescência universal, que se mantém a mesma, independentemente das peculiaridades de cada tempo e lugar, mas, sim, às adolescências: as várias adolescências que vão sendo construídas por determinadas culturas.

A partir desse enlace entre adolescência e cultura, consideramos importante revisar alguns estudos sobre a história da adolescência desde suas raízes mais longínquas – distintas, de acordo com a perspectiva adotada –, até o momento reconhecido como o de *boom* da adolescência: os EUA dos anos 1950. Nosso objetivo, com esse esforço, é mapear tanto os deslocamentos quanto aquilo que se repete nos discursos sociais sobre o tema.

Debruçando-nos sobre esses estudos históricos, foi possível perceber que, mesmo com as formulações sobre a adolescência transformando-se conforme a cultura em que são enunciadas, algumas características que delineiam a ideia de adolescência se repetem. A partir das repetições observadas, definimos algumas categorias de análise que constituem nosso ponto de partida para pensar a adolescência e que dão nome às seções deste artigo. São elas: adolescência e rituais de iniciação; marcas iniciais; juventude temida; metáfora da mudança social; subcultura adolescente. No decorrer desse percurso, encontramos algumas obras clássicas sobre a adolescência – romances, filmes, músicas – que incorporamos em nosso escrito, a fim de, eventualmente, propiciar ao leitor um contato com sua própria experiência do adolescer.

Esta trajetória nos permite pensar que o enlace entre adolescência e cultura, com suas variações e repetições, consiste em uma espécie de dobradiça, por meio da qual nossas sociedades conjuram suas angústias fundamentais – constituição de um Outro temível –, ao mesmo tempo em que têm a possibilidade de elaborá-las, mediante a formação de uma “cultura jovem”, que abre destinos simbólicos a essas angústias.

## Adolescência e rituais de iniciação

O sujeito ocidental passou a deparar-se com a existência de outras culturas a partir do século XVI. Na segunda metade do século XIX, esses povos foram considerados “primitivos”, devido a uma ótica evolucionista, e atraíram o olhar dos antropólogos que buscavam pistas sobre as origens da organização social humana. No século XX, tornou-se possível uma nova percepção e a ênfase das pesquisas passou a ser a detecção de particularidades próprias a essas culturas, com o objetivo de encontrar explicações para determinados fenômenos das sociedades contemporâneas (Coutinho, 2009).

Conforme afirma Gurski (2008), “as diferentes condições da experiência e de sua transmissão que outras culturas ofertam aos seus jovens ajudam-nos [...] a problematizar as práticas de inscrição e transmissão atuais” (p. 66). Ao observar outras culturas, os antropólogos verificaram que certos comportamentos, relacionados à adolescência no Ocidente moderno, não estavam presentes. Isso possibilita pensar que tais manifestações dependem do meio social e não são específicos de um determinado momento cronológico da vida. Nas palavras de Palacios (1993/2004): “as pesquisas que comparam o desenvolvimento psicológico em pessoas de diferentes culturas nos vacinaram contra o etnocentrismo que consiste em acreditar que se pode aplicar a ‘todos’ o que é somente característico de ‘nós’” (p. 15).

Nas comunidades tradicionais, havia a ritualização de momentos cruciais no ciclo de vida que tinham a eficácia de normatizar “cada um frente a comunidade e o estranho de cada um à representação de si que lhe fosse satisfatória” (Ruffino, 1995, p. 42). Segundo Coutinho (2009), os rituais de iniciação simbolizam a entrada no mundo da sexualidade genital, implicando a separação da mãe e a aquisição de um novo lugar na sociedade. Em *Totem e tabu*, Freud (1913/2014) refere-se a alguns ritos relacionados ao tabu do incesto, que ocorrem quando o jovem entra na puberdade. Na ilha de Leper, por exemplo, ao atingir certa idade, o garoto deixa a casa da mãe e muda-se para um local denominado *clube*, no qual passa a dormir e se alimentar, não podendo mais encontrar-se com sua irmã e nem sequer pronunciar o nome dela. Esse impedimento tem início na puberdade e é mantido por toda a vida. Entre os Akambas, na África Oriental britânica, as jovens devem evitar seu pai entre a época da puberdade e seu casamento: “por trás de todas essas proibições parece haver uma teoria, como se fossem necessárias porque certas coisas e pessoas detêm uma força perigosa que se transmite pelo contato com elas, quase como um contágio” (p. 30). Para o fundador da psicanálise, essa força seria inerente a todos aqueles que são algo especial, a tudo o que é inquietante e a todas as condições excepcionais – entre elas, a puberdade.

Le Breton (2013/2017) define o rito de passagem como uma cirurgia do sentido, na qual haveria uma transformação do corpo para mudar a existência, sendo a dor um vetor de metamorfose pessoal e as marcas, signos de um novo status: “a resistência à dor, a indiferenciação ao medo testemunham o controle que os iniciantes exercem sobre si, o seu domínio diante dos acontecimentos inesperados do mundo” (p. 29). As cerimônias dos rituais de iniciação são muito ricas de significação, “[...] podendo ter caráter puramente festivo ou envolver um quadro verdadeiramente terrorífico, com provas perigosas, agressões físicas ou mesmo determinadas cirurgias rituais” (Coutinho, 2009, p. 21). Em algumas sociedades, haveria iniciações específicas para homens e mulheres, baseadas no que é socialmente esperado deles. Os ritos podem se estender por ciclos mais ou menos longos. Algumas sociedades aborígenes, por exemplo, os instituem aos 12 anos e, na maioria das vezes, a mudança de *status* do iniciado é completada por transformações corporais. Segundo Coutinho (2009), os ritos de

passagem relacionam-se a uma revelação de saber dos mais velhos para aqueles que irão ter acesso às responsabilidades sociais. Essas práticas normalmente têm um fundamento mítico, relacionado à origem do grupo social. Quando alguma mudança advém, ela ocorre lentamente e sem questionar os fundamentos do laço social: “o que os antigos conheceram é o que os jovens de hoje vivem e seus filhos viverão mais tarde” (Le Breton, 2013/2017, p. 31).

Para Ruffino (1995), a ausência de rituais que possibilitem um enquadramento do Real da puberdade no laço social faz pensar que o adolecer irá se apresentar à subjetividade moderna sob uma dupla face. Por um lado, como “uma instituição historicamente constituída que caracteriza a modernidade e se materializa na subjetividade de cada um ao tempo de seu final de infância” (p. 42). Por outro, como uma operação psíquica posta em marcha por não haver mais um trabalho social de mediação.

## **Marcas iniciais**

Na juventude, ninguém sabe que é jovem. Ficar sabendo mais tarde, ao envelhecer: saberá que foi sem ter sabido quando era. Pois a juventude é uma invenção de velhos. Inversamente ao real, que desaparece quando o nomeamos, a juventude, ao contrário, só existe pelas palavras que a evocam. Em si, só é concebível quando não existe mais, em negativo, a título de ausência (Rey, 1989/1990, p. 154).

O conceito de adolescência aparece tardiamente na cultura ocidental, no início do século XX. Porém, antes que se possa fazer referência a um sujeito adolescente é possível observarmos algumas marcas iniciais que vão delineando a diferença entre gerações e inaugurando esse novo lugar ou “sentimento” no laço social (Le Breton, 2013/2017). Há algumas controvérsias a respeito do aparecimento histórico do conceito. Para Coutinho (2009), elas podem ser atribuídas à complexidade semântica do termo que, por se referir a aspectos psicológicos e sociais, é influenciado pelas transformações de nossa civilização. Outra questão constante entre os autores é que alguns consideram a juventude como uma categoria social e a adolescência como uma operação psíquica. No que concerne a este ponto, retomamos nossa referência anterior à afirmação de Ruffino (1995): a adolescência seria um fenômeno de dupla face, com o social e o psíquico constituindo duas faces da mesma moeda. Ao surgir como conceito, a adolescência incorpora discursos da cultura relacionados à juventude e os dois conceitos passam a articular-se diretamente, ou seja, as construções sobre a juventude delineiam o que é ser adolescente e as construções sobre a adolescência participam da definição do que é ser jovem.

Na Idade Média, tanto a infância quanto a adolescência não eram reconhecidas: “a quase absoluta ausência de objetos pessoais coincidia com a inexistência de códigos vestimentares diferentes para cada faixa etária, e mesmo o conhecimento da idade individual, era algo bastante raro” (Coutinho, 2009, p. 31). Segundo Levisky (2004), no período de transição para a vida adulta as maiores preocupações da comunidade eram a castidade e o casamento. Esse período não aparentava ser fonte de maiores preocupações: “os filhos de artesãos seguiriam artesãos, os pertencentes à aristocracia feudal se encaminhavam para a vida militar ou religiosa e o camponês seguiria camponês” (p. 129). Para o autor, alguns comportamentos, como o

*adoubement*<sup>1</sup>, a *tonsura*<sup>2</sup> e a *investidura*<sup>3</sup>, podem ser considerados ritos de passagem. Através deles, os jovens podiam viver o mito do herói – enfrentando desafios, empenhando-se com coragem, sendo impulsivos, ousados e transgressores.

Nos séculos XVI e XVII, os jovens das comunidades rurais eram vistos como tendo a posse de plena capacidade para o trabalho e para a guerra. Tal juventude correspondia a um modo de vida comunitário e regido por normas consuetudinárias (Weinmann, 2012). As expressões latinas *adolescens*<sup>4</sup> e *adults* aparecem de maneira significativa em torno do século XVI, quando o sentimento de diferença entre as idades começa a surgir nos meios sociais privilegiados. Segundo Le Breton (2013/2017), um dos sinais do surgimento do sentimento da adolescência foi a publicação de *Emílio*, escrito por Rousseau entre 1759 e 1762. Rousseau colocou “em evidência a particularidade desse período da existência que sucede à infância e prepara a entrada na idade do homem” (p. 41). Para o autor, o sentimento de diferença com relação aos mais velhos teria sido inaugurado para os jovens de condições abastada pela obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, escrito em 1774.

A constituição da família nuclear burguesa, a partir de meados do século XVIII, cinde o social entre o público e o privado: “à privatização do espaço físico da casa de família, acompanhou-se uma privatização dos costumes e uma certa criação de estratégias de singularização, em oposição ao mundo público que parecia cada vez mais estranho e hostil” (Coutinho, 2009, p. 44). Referente a isso, Kehl (1998) afirma que a burguesia pode ser retratada como uma classe “dissipadora de heranças”, devido a sua condição de conquistadora de novas posições numa ordem não mais regida pela tradição feudal. Os valores comunitários do Antigo Regime acabaram sendo substituídos por uma cultura na qual as determinações sobre o próprio destino centram-se no indivíduo. A autora relaciona um aumento da revolta contra a família, no decorrer do século XIX, a um duplo vínculo que liga o sujeito à teia familiar. A criança, que passa a ser vista como indivíduo, se vê desde cedo envolvida em um conflito entre a responsabilidade pela continuação do que os pais construíram e a conquista da felicidade a partir do exercício da liberdade. Os jovens das classes sociais privilegiadas passam a ter seu período na escola ampliado, devido à continuação de seus estudos nas escolas de ensino médio. Essa “juventude disciplinar”, oriunda da família nuclear burguesa, do serviço militar obrigatório e do prolongamento da educação escolar é tratada com dureza e monitorada com vigilância. Segundo Weinmann (2012), nessas instituições disciplinares também havia revolta dos jovens, mas esta era tida como indisciplina e punida. Nesse sentido,

[...] a esperança de fazer da vida uma ‘aventura pessoal’, versão romantizada dos delírios de ascensão social e autonomia que sustentam a ordem burguesa, entra em conflito com as exigências de filiação e disciplina familiar, sem as quais essa ordem também se vê ameaçada” (Kehl, 1998, p. 30).

Para Le Breton (2013/2017), o surgimento da adolescência não é evidente. Ela teria nascido, discretamente, nas nossas sociedades, nos meios burgueses no decorrer do século XVIII, cristalizando-se, ao longo do século XIX, com a instauração da escola obrigatória pelas leis

---

1 Cerimônia realizada para a entrada na cavalaria.

2 Cerimônia religiosa em que o bispo dá um corte no cabelo do ordinando, ao conferir-lhe o primeiro grau de Ordem no clero.

3 Cerimônia na qual o senhor investia o vassalo com um feudo, dando um símbolo da terra ou do cargo transmitido em troca de um juramento de fidelidade.

4 Participio do presente de adolecere, de onde vem a palavra adolescência, que significa crescer (Coutinho, 2009).

Ferry. Já Philippe Ariès (1960/1981), em *História social da criança e da família*, situa o aparecimento da adolescência no contexto da Revolução Francesa. O historiador relaciona o adolescente ao cadete, assim como a criança ao escolar. Concordamos com Weinmann (2012) de que é intrigante que Ariès vincule a emergência da infância e da adolescência a duas instituições disciplinares: a escola e o exército. Frente aos que lhe são superiores, todo integrante dessas instituições rigidamente hierarquizadas é um infante. Trata-se, nesse momento, não da adolescência, mas de uma “juventude disciplinar”. Nela, o jovem permanece protegido pelo nome paterno, que deve respeitar, pois é este que responde ao Outro social. Na perspectiva de Weinmann (2012), será a partir da crise das sociedades disciplinares que a adolescência explodirá como problema social e enigma cultural.

## Juventude temida

Vão dar um trato no seu visual  
Com todas as mentiras nos livros  
Para transformá-lo num cidadão  
Pois eles dormem armados  
E ficam de olho em você, filho  
Assim podem ver tudo o que você faz  
Pois as drogas nunca funcionam  
Eles lhe darão um sorriso cínico  
Porque eles têm métodos para mantê-lo limpo  
Vão arrancar as suas cabeças  
Triturar as suas aspirações  
Outra engrenagem na máquina assassina  
Dizem: “me cago de medo de todos os adolescentes  
Eles estão pouco se lixando  
Desde que alguém sangue!”  
Então, escureça suas roupas  
Ou faça uma pose violenta  
Talvez eles deixem você em paz, mas não a mim.  
(Teenagers, My Chemical Romance, 2006)<sup>5</sup>

Na passagem para a sociedade industrial, especialistas – como juristas e médicos – começam a se preocupar com a criminalidade entre os jovens. Surge uma juventude temida. No século XIX, a sociedade francesa descobre a juventude como um universo de crise. A partir disso, a sociedade passa a lhe dar uma atenção mais intensa no que diz respeito à proteção e educação. Com a escola obrigatória, os jovens passam a permanecer sob a tutela econômica dos pais (Le Breton, 2013/2017). A fobia sexual passa a reinar e “a medicina traz sua caução inventando personagens chamados por uma longa posteridade de: mulheres histéricas, frígidas, homossexuais, perversos, masturbadores etc., e figuras temíveis às pulsões deletérias para o laço social” (p. 60). O discurso social não deixa os jovens de fora. Passa a haver uma inquietação de médicos e pedagogos frente à descoberta da sexualidade nos jovens, vendo esse momento de transição como algo perigoso e pleno de tentações, o que faz com que preconizem uma vigilância minuciosa para controlar essa “energia transbordante que assusta” (p. 60).

No final do século XIX, há um consenso sobre a ruptura dos jovens com o ambiente social e familiar. A partir dos anos 1880-1910, a delinquência juvenil passa a se mostrar mais radical, devido ao grande aumento da população urbana. Na falta de uma estrutura imposta pelos

---

<sup>5</sup> Todas as traduções de obras publicadas em língua estrangeira são de responsabilidade dos autores deste artigo.

adultos, muitas crianças e adolescentes eram deixados à própria sorte e acabavam se organizando em gangues. Os jovens *gangsters* passaram a oferecer as pautas preferidas para os jornais da cidade (Savage, 2007/2009). Porém, os comentaristas não levaram em conta os impactos de seu sensacionalismo sobre os grupos que objetivavam: “o jovem era um assunto emocionante, mais ainda se associado ao crime e a hábitos estranhos e bárbaros. Aparecer na imprensa dava status” (p. 51).

No início do século XX, os jornais europeus começam a colocar em evidência os Apaches – termo que designa jovens com espírito contestador e que flertam com a delinquência –, atribuindo-lhes vários delitos. Os Apaches irão simbolizar o surgimento de uma juventude rebelde, no contexto de uma crise das disciplinas: “o ensino médio, as universidades, os estabelecimentos penitenciários, as oficinas são lugares intensos para uma juventude que se sente explorada e injustamente constrangida pela sua maneira de ser pelos mais velhos” (Le Breton, 2013/2017, p. 63).

Durante a primeira Grande Guerra, houve um aumento da delinquência juvenil. No ano de 1915, o número de jovens com menos de 16 anos acusados de crimes subiu 33% nas principais cidades britânicas. Com os parentes envolvidos no esforço de guerra e as escolas frequentemente fechadas, os jovens começaram a viver entre pares, na maioria dos casos sem supervisão de adultos. Essa falta de controle, junto com a falta de alimentos e a violência, sancionados pela declaração de guerra, propiciou um aumento dos comportamentos vistos como anormais (Savage, 2007/2009). A Grande Guerra rompeu com a possibilidade de obediência automática que os mais velhos esperavam dos jovens: “obrigados prematuramente a enfrentar responsabilidades adultas, eles não iriam retornar ao estado invisível de antes. A guerra criou e brutalizou a nova sociedade de massa da juventude” (p. 186).

Esse momento coincide com a consolidação do discurso da psicologia sobre a adolescência, que aprofundaremos na seção seguinte. Segundo César (1999), a transgressão passa a ser concebida como uma característica própria dessa fase da vida e os transgressores adultos começam a ser considerados indivíduos imaturos ou adolescentes tardios. Ao fazer uma revisão sobre os textos de psicologia e educação produzidos na época, a autora observa que o risco da delinquência configurava uma possibilidade incorporada de maneira constitutiva à própria definição do conceito de adolescência:

A novidade introduzida pelo discurso da psicologia do desenvolvimento em relação ao antigo discurso filantrópico, que enxergava a delinquência juvenil como vinculada apenas às patologias sociais, foi o estabelecimento de uma ligação natural entre delinquência e adolescência (p. 3).

A delinquência passa a ser abordada cada vez mais por uma perspectiva “etapista”, a qual coloca o comportamento transgressor da adolescência no âmbito da natureza.

### **Metáfora da mudança social**

A garotada finalmente está começando a assumir o controle  
Eles estão saindo às ruas, eles acenderam a chama  
E, em breve, estarão completamente no comando  
Imagine a sensação de uma ocupação adolescente  
Aos 13, eles estarão aprendendo  
Mas aos 14, eles estarão ardendo  
Mas existe alguma coisa no ar

Que todos nós temos consciência  
Mas eles não se importam, não, não, não... Então  
Venha se juntar à revolução, dê-se uma constituição.  
(Sweet, Teenage Rampage, 1974)

Passerini (1994/1996) nos propõe uma reflexão acerca da juventude como metáfora da mudança social, a partir de dois momentos do século XX que tiveram a juventude como protagonista: a Itália fascista dos anos 1920 e os Estados Unidos da década de 1950. O primeiro seria determinante para a invenção da adolescência, pois retoma, em termos psicológicos e sociológicos, a ideia de juventude como “turbulência e renascimento, germe de nova riqueza para o futuro, força capaz de aniquilar a miséria do passado, prometendo uma regeneração tanto individual quanto coletiva” (p. 319). Em contrapartida, os anos dourados estadunidenses consistiriam na fase final desse conceito. Em ambos os casos, os adultos duvidavam que seria possível ver sua obra desenvolvida por seus sucessores, o que teria resultado em uma crise de transmissão.

Os movimentos juvenis do início do século XX na Alemanha e na Inglaterra colocaram em primeiro plano a relação entre juventude e valores nacional-patrióticos, assim como entre juventude e liberdade, em toda a sociedade burguesa, tendo os anos próximos à Primeira Guerra Mundial marcado um momento importante para a afirmação de certo conceito de juventude. Segundo Passerini (1994/1996), “essas duas atitudes confluíram no entusiasmo pela Primeira Guerra Mundial, que foi entendida como liberação pela ordem existente, de novas energias que retomavam as tradições abandonadas da terra pátria” (p. 321). Sendo assim, antes de serem objetos de poder do movimento fascista, os estudantes foram os sujeitos da agitação que o movimento instrumentalizou. O fascismo relançou um conjunto de características relacionadas à ideia de juventude, já presentes na cultura europeia e que conectavam juventude e guerra, sendo elas: “generosidade, sensibilidade inquieta e antecipadora e, enfim, a morte heroica pela pátria” (p. 323). Nesse contexto, surge a imagem do *Duce*, relacionada a uma eterna juventude, onde seriam fundidas três determinações: jovem, macho e guerreiro.

O debate sobre os jovens teve seu período de intensidade máxima a partir de meados de 1928, quando Giuseppe Bottai, que na época era subsecretário do Ministério das Corporações, lançou em sua revista *Crítica fascista* o slogan provocativo “Confiar às gerações, todo o poder”. Porém, a questão dos jovens se prestava a suscitar outra, a renovação interna do fascismo:

Bottai e os seus colaboradores encontraram ocasião para formular críticas à atuação do regime fascista, em nome de ideais atribuídos aos jovens. Contribuíam assim para construir um mito da juventude, transformando-a num momento de luta política, enquanto os jovens eram usados como sujeitos simbólicos de uma tarefa essencial da sociedade inteira e do partido único (Passerini, 1994/1996, p. 330).

Nesse período, a ideia de juventude não era relacionada ao ato de nascimento. Jovem era aquele que exprimia o espírito do fascismo, que tinha feito a revolução e enfeitava seus anos com uma eficaz maturidade fascista. O fato de o cinema da época tematizar só parcialmente a figura física do jovem pode indicar que a identificação com o corpo jovem, que será predominante no segundo pós guerra, estava ainda no começo. Segundo Passerini (1994/1996), quem constituía a geração de Mussolini eram aqueles que não tinham participado da guerra, tendo se formado durante a era fascista e sendo impedidos de contraporem-se à geração precedente: “a obrigação de colocar-se não em antítese, mas em harmonia, tornava mais difícil a tarefa de inovação atribuída aos jovens” (p. 331).



Referente às críticas ao mito da juventude, Alessandro Pavolini afirmou que mitos eram mais necessários do que pão para um povo que se renovava e que, na realidade, não se dera aos jovens o grande espaço que se pretendia. Para Passerini (1994/1996), o jovem é metáfora e instrumento do fascismo, servindo para lhe dar a sensação de “potência e força, de fatalidade e determinação histórica” (p. 350). O fascismo “[...] retoma o mito vitalista do jovem sagrado e sábio por instinto, capaz de obedecer e de combater, mas também de comandar e de governar, adaptando-o para justificar e animar um aparato de poder também ele jovem e com pretensões absolutas” (p. 350).

A partir dos anos 1950, o surgimento de um sentimento de pertencimento a uma faixa etária, com características específicas, faz com que a adolescência adquira uma dimensão sociológica. Nos Estados Unidos, a geração *baby boom* será a primeira a confrontar as questões acerca de sua entrada na maturidade social e o sentido de sua existência, em um contexto social e cultural excepcionais. Estabelece-se uma ruptura entre as gerações, o saber dos mais velhos passa a ser questionado, prevalecendo o sentimento de proximidade entre os pares sobre o relacionamento entre as gerações (Le Breton, 2013/2017).

O historiador Eric Hobsbawm (1994/1995), ao falar sobre a Era de Ouro dos EUA – caracterizada por grande crescimento econômico, em um período que foi dos anos após o final da Segunda Guerra Mundial ao início dos anos 1970 –, afirma que, se havia uma crise na relação entre os sexos, indicada pela possibilidade do divórcio, por nascimentos ilegítimos e pelo aumento de famílias com apenas um dos pais, também havia uma profunda mudança nas relações entre as gerações, marcada pelo aumento de uma cultura juvenil específica: “a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural [...] nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos” (p. 257). A descoberta de símbolos de identidade para a juventude foi facilitada pelo mercado independente, mas o que acentuou seus contornos foi o grande abismo histórico entre as gerações nascidas por volta de antes de 1925 e depois de 1950. Conforme afirma Hobsbawm (1994/1995):

A maioria dos pais com filhos adolescentes passou a ter uma aguda consciência disso na década de 1960 e depois. Os jovens viviam em sociedades seccionadas de seu passado por revolução, como na China, Iugoslávia ou Egito; por conquista e ocupação, como na Alemanha e Japão; ou por libertação colonial. Eles não tinham lembrança de antes do dilúvio. A não ser talvez pela experiência partilhada de uma grande guerra nacional, como a que ligou velhos e jovens por algum tempo na Rússia ou na Grã-Bretanha, eles não tinham como entender o que seus mais velhos haviam vivido ou sentido – mesmo quando estes se dispunham a falar do passado, pois a maioria dos alemães, japoneses e franceses se mostravam relutantes em fazê-lo (p. 256).

Esse abismo foi alargado pela Era de Ouro, pois era complicado que jovens criados numa era de pleno emprego compreendessem a experiência da década de 1930, ou que a geração mais velha entendesse que, para os jovens, o emprego já não era mais um porto seguro, mas algo que podia ser conseguido e abandonado a qualquer hora. Dessa forma, a consolidação da adolescência, nos anos 1950, se dá como uma metáfora para esse abismo entre gerações: aquilo que antes era compartilhado e transmitido entre gerações passa a ser compartilhado e criado entre pares. As gerações anteriores passam a ser menos um ponto de referência do que ser e mais um ponto de referência do que não ser.

De acordo com Le Breton (2013/2017), nos Estados Unidos dos anos 1950 surge a *beat generation*, que inaugura a afirmação de uma consciência própria e o abandono do *american way of life*. Em 1957, é publicado, por J. Kerouac, o livro *On the road*, grande referência

literária dessa geração. Esse movimento, que se radicaliza nos anos 1960, é cercado de “personagens de referência como Kerouac, Cassidy, Ginsberg ou Burroghs” (p. 75). Nos anos 1960, surge também o movimento *hippie*, afirmando os valores da não violência, do amor livre e do uso de drogas que permitissem a expansão da consciência. O autor afirma que, nessa época, ocorre um grande aumento no número de jovens fugindo de casa: cerca de 500 mil, entre 14 e 17 anos.

Nesse mesmo período, na França, os confrontos entre grupos de jovens do meio operário passam a ser destaque nos jornais. Na Inglaterra, ocorrem motins no verão de 1958, com os *Teddy boys* na origem. No último dia de dezembro do ano de 1956, em Estocolmo, milhares de jovens se reúnem e vandalizam várias ruas. Na Polônia, Dinamarca, Hungria, Holanda, Tchecoslováquia e União Soviética, estragos serão causados por grupos de jovens denominados *hooligans*. A instauração de uma rebelião da juventude em países muito diferentes, como Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha, Itália, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, França e Brasil, dentre outros, marca maio de 1968. Os jovens expressavam não só uma crítica sobre a universidade, mas a todas as condições de existência que os sufocavam: “maio de 1968 é visto como uma ‘revolta contra o pai’, segundo a fórmula de G. Mendel, uma vontade obstinada de romper com as rotinas, uma recusa a se tornar como os pais” (Le Breton, 2013/2017, p. 79-80).

Ao encontrar expressão intelectual – como nos cartazes em Paris, onde se lia: “é proibido proibir” –, ficou mais claro o caráter antinômico da nova cultura jovem (Hobsbawm, 1994/1995). A juventude, “um grupo com consciência própria que se estende da puberdade [...] até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente” (p. 253). Esses jovens, que rejeitavam o *status* de criança e mesmo de adolescentes, foram responsáveis pela radicalização política dos anos 1960, sendo liderados por seus pares. Nos movimentos estudantis europeus, como na França e Itália dos anos de 1968-9, estudantes e operários, jovens e urbanos, fizeram vir abaixo os alicerces da sociedade disciplinar moderna.

## Subcultura adolescente

As pessoas tentam nos colocar para baixo  
(Falando da minha geração)  
Só porque nos damos bem  
(Falando da minha geração)  
As coisas que eles fazem parecem terrivelmente frias  
(Falando da minha geração)  
Espero morrer antes de ficar velho  
(Falando da minha geração)  
Minha geração  
Essa é a minha geração, baby  
Por que vocês todos não desaparecem  
(Falando da minha geração)  
E parem de tentar entender o que nós dizemos  
(Falando da minha geração)  
Não estou tentando causar nenhuma confusão  
(Falando da minha geração)  
Só estou falando sobre a minha geração  
(Falando da minha geração).  
(My generation, The Who, 1965)

A adolescência consolidou-se como categoria social no século XX. Segundo Coutinho (2009), devido ao prolongamento do tempo de escolarização e às mudanças no processo de entrada no mercado de trabalho – decorrentes do avanço da industrialização e ao crescimento das cidades –, houve um aumento no tempo de dependência dos jovens em relação à família: “[...] estendeu-se o período entre o início da puberdade e o casamento, e os jovens passaram a deixar cada vez mais tarde o domicílio paterno” (p. 49). A sociedade passou a criar espaços de convivência exclusivos entre os jovens, como a escola ou movimentos organizados, o que acabou contribuindo para a concepção da adolescência como um grupo à parte. Na sociedade norteamericana, logo após a segunda guerra mundial, o aumento da duração de estudos e formação profissional – em um contexto de crescimento econômico, ampliação do consumo e luta social pelos direitos civis – criou uma enorme população adolescente (Le Breton, 2013/2017).

Segundo Hobsbawn (1995), na Era de Ouro a novidade da cultura juvenil era tripla. A primeira é que a juventude passou a ser vista não mais como um estágio preparatório para a vida adulta, mas como um estágio final do desenvolvimento humano, como se a vida fosse “ladeira abaixo” depois dos trinta anos. A segunda novidade origina-se na primeira: a cultura juvenil tornou-se dominante nas economias de mercado desenvolvidas, em parte por representar uma massa concentrada de poder de compra, “em parte porque cada nova geração de adultos fora socializada como integrante de uma cultura juvenil autoconsciente, e trazia as marcas dessa experiência” (p. 254). Além disso, a grande velocidade da mudança tecnológica dava à juventude uma vantagem considerável sobre os grupos etários mais conservadores. A terceira característica foi seu internacionalismo: “o blue jeans e o rock se tornaram marcas da juventude ‘moderna’, das minorias destinadas a tornar-se majorias, em todo país onde eram oficialmente tolerados e em alguns onde não eram” (p. 254). O rock passa a revelar uma geração para si mesma, dando-lhe uma consciência de grupo e contornos positivos ao que era ser jovem. Referente a isso, Ricardo Rodolfo (1997), em *Um novo ato psíquico: a inscrição ou a escrita do nós na adolescência*, afirma que a invenção do rock é um acontecimento histórico, no sentido de que foi a primeira vez, na cena histórico-cultural do Ocidente, que os adolescentes irromperam com algo próprio, e não com algo aprendido do adulto. Para o autor, o rock’n’roll seria “um verdadeiro acontecimento, tal como pensamos em psicanálise, algo que falta aos fatos, aos acontecimentos empíricos comuns. Enquanto tal é imprevisível, algo que não estava calculado. Poderíamos dizer que irrompe como real” (p. 273).

Nos anos 1950, nos Estados Unidos e na Europa, a adolescência passa a ser vivida como um período exaltante da vida, se erigindo como potência econômica e cultural e impondo seus gostos à sociedade, o que pode ser observado em uma série de obras culturais. Ocorre, então, uma espécie de “adolescentização da cultura”, na qual o adolescente é objeto de medo e inveja: por um lado, dando forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, por outro, a seus pesadelos de violência e desordem. Dessa forma, a adolescência passa a ser, simultaneamente, um ideal a ser vendido e algo a ser temido; o prisma pelo qual os adultos olham o adolescente e pelo qual os próprios jovens se contemplam (Calligaris, 2009). O ator James Dean, ícone dessa geração e que servirá de modelo de identificação para milhões de adolescentes, constituiu-se em uma das primeiras versões do mito do “homem criança”, viril e frágil ao mesmo tempo: o rebelde sem causa. O filme *Juventude transviada*, de 1955, dirigido por Nicholas Ray e protagonizado por James Dean, encontra-se no epicentro da emergência de uma nova cinematografia denominada *teenpics*. De acordo com Weinmann (2012), tal produção fílmica confere visibilidade “ao entrelaçamento da morte de um corpo infantil e do enfraquecimento da

imago paterna, em um contexto de crise das instituições disciplinares, na constituição da adolescência” (p. 387).

Nesse momento, a imagem social do jovem já havia sido diferenciada da dos adultos, havendo um processo de “adolescentização” do conteúdo e do público dos filmes. O *teenpic*, abreviatura de *teenpicture*, indica o filme destinado aos *teenagers*. Trata-se de uma produção que adota os adolescentes como protagonistas e tem suas inquietudes como núcleo de suas narrativas. Assim como o cinema, obras literárias, como *O apanhador no campo de centeio* e *On the road*, foram fundamentais no processo de composição da ideia de adolescência dos anos 1950 estadunidenses. O primeiro foi escrito por J.D. Salinger e lançado em 1951. Seu personagem principal é um jovem de 17 anos que passa um final de semana vagando pelas ruas de Nova Iorque, após ser reprovado no colégio interno no qual estudava. Durante esse tempo, revela sua profunda decepção com o mundo onde vive. O segundo foi escrito por Jack Kerouack, em 1951, e lançado em 1957. Considerado um dos principais expoentes da geração *beatnik* dos Estados Unidos, foi grande influência para uma juventude que colocava a mochila nas costas e botava o “pé na estrada”.

Em um estudo de 1955, o sociólogo James Coleman trabalhava a ideia de “subcultura adolescente”, caracterizando a adolescência como uma cultura que partilharia de elementos das culturas dominantes, mas se distinguiria por uma simbologia própria. Coleman faz observações preocupadas, afirmando que os jovens falariam outra língua (Passerini, 1994/1996). A ideia de juventude como uma camada social separada foi simbolizada pela figura do “herói cuja vida e juventude acabavam juntas” (Hobsbawm, 1994/1995, p. 253). Figura representada na década de 1950 pelo ator James Dean e comum no rock. Músicos considerados divindades populares, como Janis Joplin e Jimi Hendrix, morreram vítimas de um estilo de vida – consagrado na expressão “sexo, drogas e rock’n’roll” –, que resultava em uma morte precoce: “o que tornava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição. Ser ator pode ser uma carreira duradoura, mas não ser um *jeune premier*” (p. 253).

Na década de 1950, os jovens das classes mais altas começam a aceitar a música, as roupas e a linguagem das classes baixas urbanas. O romance distópico *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess – originalmente publicado em 1962 –, por exemplo, inspira-se na gíria dos jovens proletários londrinos. O rock é o exemplo mais espantoso: “em meados da década de 1950, subitamente irrompeu do gueto de catálogos de ‘Raça’ ou ‘Rhythm and blues’ das gravadoras americanas, dirigidos aos negros pobres dos EUA, para tornar-se o idioma universal dos jovens, e notadamente dos jovens brancos” (Hobsbawm, 1994/1995, p. 258).

Foram os norte-americanos que realizaram os primeiros estudos teóricos sobre a adolescência, tendo como marco importante a publicação da obra *Adolescence*, do psicólogo Stanley Hall, em 1904. Passerini (1994/1996) afirma: “segundo diversos intérpretes, o processo que conduz à codificação da adolescência como fase em si atingiu a maturação plena logo após a Segunda Guerra Mundial” (p. 352). Em 1945, é publicado um artigo de Elliot E. Cohen que usa o termo *teenager* como parte da linguagem corrente, mas apenas na década de 1950 o debate sobre o termo generalizou-se. É possível situar o maior alcance dos debates sobre os jovens entre os anos 1950 e 1964, ano em que ocorreu a revolta na Universidade de Berkeley e acentuou-se a *escalation* da guerra do Vietnã. Em 1950, a adolescência adquire “um estatuto legal e social, a ser disciplinado, regulamentado, protegido” (p. 353).

Elaboraões psicanalíticas, como as de Bernfeld, Aichhorn e Anna Freud, também contribuíram para a consolidação da adolescência como conceito. Os trabalhos de Anna Freud, na década de cinquenta, influenciaram a escola americana, nas décadas de 1970 e 1980, com

destaque para a ideia de “moratória social”, nas produções de Peter Bloss e Erickson, e para a concepção da “adolescência normal”, dos argentinos Aberastury e Knobel (Coutinho, 2009): “fica então cunhado o conceito de adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento reconhecida socialmente, sempre através de uma visão normatizante e atenta ao caráter semi-patológico que [os jovens] apresentavam” (p. 52).

Das ideias citadas anteriormente, a de “moratória social” tem lugar de grande importância nas elaborações sobre adolescência. Segundo Erikson (1968/1976):

As instituições sociais amparam o vigor e a distinção da identidade funcional nascente oferecendo aos que ainda estão aprendendo e experimentando um certo status da aprendizagem uma moratória caracterizada por obrigações definitivas e competições sancionadas, assim como por uma tolerância especial (p. 157).

Passou-se a adotar uma terminologia que acentuava a estranheza dos adolescentes com relação à sociedade, usando-se palavras como “tribo” ou “subcultura”, por exemplo, para se referir aos jovens. Dessa forma, o jovem representava o “outro”, por excelência, posição “particularmente significativa quanto aos conflitos sociais, tornando-o apto a transformar-se tanto no símbolo dos subprivilegiados quanto dos excessivamente privilegiados” (Passerini, 1994/1996, p. 355). A discussão sobre a adolescência tinha algumas características fundamentais, que foram resumidas por Erikson (citado por Passerini, 1994/1996) em um debate organizado pela revista *Daedalus*, no final da década:

[...] ela era conduzida por pessoas pertencentes à “outra” geração, os que tinham entre quarenta e cinquenta anos; haviam sido evidenciados sobretudo as características de “alienação” da juventude, negligenciando o fato de ela abranger também jovens tranquilos, determinados, competentes; as mulheres tinham ficado praticamente fora do debate, seja como sujeitos, seja como objetos (p. 357).

Segundo Passerini (1994/1996), a veia subterrânea de angústia presente na sociedade norte-americana, que continha em si o terror da guerra nuclear, das tensões raciais e sexuais, exprimia-se, obscuramente, na questão dos adolescentes. Em 1954, o psicólogo norte-americano Frederic Werthan publicou o livro *Seduction of the innocence*, segundo o qual a cultura de massa teria um caráter nefasto na determinação do fenômeno da delinquência juvenil e criticava o descaso do governo em relação às evidências dessas influências negativas.

Ao longo dos debates sobre os jovens, os temas sexualidade e diferenças entre os gêneros surgia com frequência. Passerini (1994/1996) afirma que essa atenção ao gênero reintroduziu uma multidisciplinariedade com relação aos jovens que haviam sido nivelados e uniformizados por quase todo o debate. O feminino era uma questão relevante tanto no que diz respeito ao conflito entre os sexos quanto no que tange à ideia de feminilização da imagem adolescente: “esta se teria afirmado num lento processo, desde o final do século até a década de 1950, até considerar todos os jovens vulneráveis, passivos, desajeitados, qualidades antes atribuídas só às mulheres” (p. 364). Segundo Savage (2007/2009), o primeiro romance de Oscar Wilde, publicado em 1890 – *O retrato de Dorian Gray* –, participou da criação de uma nova definição para a juventude. Nele, o autor “redistribuiu os papéis do mito faustiano para a era moderna: neste caso, o acordo foi selado com a promessa da juventude eterna” (p. 43). O romance ajudou ainda mais a popularizar o estilo caracterizado por um mundo hermético, que englobava “absinto, morfina, gurus barbudos, sessões espíritas, [...] e editoriais que proclamavam uma missão para destruir a velha ordem e preparar os elementos embrionários da grande literatura nacional do século XX” (p. 42).

## Considerações finais

Conforme afirmamos anteriormente, a ideia de adolescência articula-se às definições que cada cultura oferta. Nessa perspectiva, não haveria uma adolescência universal ou natural, mas várias adolescências construídas (quando o são) por determinadas culturas. Com o intuito de realçar essa perspectiva, realizamos uma revisão bibliográfica de textos sobre a história da adolescência e um percurso sobre algumas produções da cultura que transmitem algo da experiência do adolecer. Observamos que, além das transformações relacionadas às definições que cada cultura oferta, há algumas características nas formulações sobre a adolescência que se repetem. A partir desse enlace entre adolescência e cultura, elaboramos algumas categorias de análise que deram nome às sessões deste artigo.

Na seção “Adolescência e rituais de iniciação”, salientamos a ideia, frequente nos estudos pesquisados, de que os ritos de passagem envolvendo os jovens, nas sociedades pré-modernas, assinalariam uma importante distinção, no que tange ao que conhecemos como adolescência. A partir dessa perspectiva, Ruffino (1995) propõe que a adolescência consiste em uma experiência tipicamente moderna, decorrente da ausência da mediação simbólica promovida pelos ritos de passagem. Na Modernidade, as transformações da puberdade não se articulariam ao saber da tradição, o que acarretaria os processos disruptivos que costumamos atribuir ao adolecer. Nesse sentido, a categoria social denominada juventude e a operação psíquica designada adolescência consistiriam nas duas faces de uma moeda, cujo valor apenas a Modernidade seria capaz de reconhecer.

Na seção “Marcas iniciais”, realçamos as divergências entre os estudos, no que diz respeito ao tempo da irrupção adolescente na história. Inicialmente, assinalamos que a palavra adolescência possui uma complexidade semântica. Ela alude a crescimento e somente no século XVI começa a operar como uma das “idades da vida”, em um sentido radicalmente distinto do nosso. Além disso, observamos uma importante divergência em relação ao aparecimento da adolescência, na história. Le Breton (2013/2017) e Ariès (1960/1981), dentre outros, o vinculam à constituição do mundo burguês (família nuclear moderna, cisão entre vida pública e privada, disseminação da educação pública, disciplinarização das instituições sociais, dentre outras características), a partir de meados do século XVIII europeu ocidental. Testemunhos disso seriam *Emílio*, de Rousseau, e *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Em contraponto, Weinmann (2012) sustenta que a crise das sociedades disciplinares – cujo tempo forte é meados do século XX – é condição de possibilidade da explosão adolescente. Tais divergências parecem indicar que o tempo de inscrição das marcas iniciais da adolescência está aberto.

Na seção “Juventude temida”, notamos que, a partir do século XIX, a juventude começa a ser relacionada a algo que deve ser temido e sinônimo de delinquência. Na passagem para a sociedade industrial, especialistas, como juristas e médicos, começam a se preocupar com a criminalidade entre os jovens. No século XIX, começa a reinar uma fobia sexual na sociedade burguesa. Especificamente no que diz respeito aos jovens, médicos e pedagogos inquietam-se com os efeitos de desordem produzidos pela descoberta da sexualidade. No fim do século XIX, forja-se o consenso acerca da ruptura dos jovens com a ordem social estabelecida. No século XX, aparecem os *Apaches*, que, colocados em evidência pelos jornais europeus, irão simbolizar o surgimento de uma juventude rebelde. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi registrado um aumento da delinquência juvenil. Perguntamos: há maior delinquência do que uma guerra, para

a qual os jovens europeus foram lançados como bucha de canhão de nacionalismos imperialistas? Tarde demais: já estava consolidada a noção de juventude temida.

Na seção “Metáfora da mudança social”, observamos, com Passerini (1994/1996), dois momentos do século XX em que a juventude foi pensada como metáfora da mudança social: a Itália fascista dos anos 1920 e os Estados Unidos da década de 1950. No primeiro, a juventude foi concebida como turbulência regeneradora, sendo o *Duce* a síntese de um ideal: jovem, macho e guerreiro. No último, a ruptura entre as gerações culminou na constituição de uma nova categoria social, amparada na expansão econômica da Era de Ouro dos EUA e sustentada em uma trama cultural própria. Nesses dois momentos, a mutação social em questão foi articulada, pelas velhas gerações, a uma crise de transmissão. Além disso, pontuamos outro momento em que a cultura do século XX articulou juventude e mudança social: a contracultura, as revoltas estudantis e as lutas por direitos civis, ao longo dos anos 1960.

Na seção “Subcultura adolescente”, discutimos a constituição de uma cultura jovem. Obras como *O apanhador no campo de centeio*, *Juventude transviada*, *On the road* e *Laranja mecânica* consistiriam em importantes marcos desse processo. Se quisermos recuar um pouco mais no tempo, teríamos que mencionar, igualmente, *Os sofrimentos do jovem Werther*, indissociável de uma estetização do suicídio (nesse sentido, Werther é um duplo de Emílio, paradigma do bom cidadão). Também não poderíamos esquecer *O retrato de Dorian Gray*, livro instaurador do culto à juventude, à beleza e ao prazer – mais precisamente, fundador de um hedonismo imanente à beleza da juventude. Ainda seria preciso lembrar *Adolescence*, do psicólogo Stanley Hall, que concede estatuto científico à ideia de que a adolescência não é, simplesmente, um tempo de transição, mas consiste em um momento da vida com características próprias, que precisam ser respeitadas. Na literatura, teríamos que reverenciar a geração *beat*. No cinema, precisaríamos destacar o surgimento da *teenpicture*. Entretanto, é somente mediante a invenção do rock’n’roll que tal subcultura explode, organizada em torno do lema “viva rápido, morra jovem” e com tendências à internacionalização – e a ser apropriada pelo mercado. Nesse percurso, a adolescência teria se convertido em um ideal cultural.

A partir do percurso realizado, propomos algumas reflexões acerca do conceito adolescência. Em que medida somos tomados pela ideia (nostálgica) de que faltam à nossa cultura rituais que nos poupem das turbulências do adolescer? A adolescência não seria, ela própria, um rito que cada contexto cultural – em séculos recentes, na sociedade ocidental – se ocupa de (re)codificar? Pensar a adolescência como um ritual, e não como algo para o que faltam ritos, implica afirmar sua eficácia simbólica, testemunhada pela rica produção cultural que procuramos expor neste trabalho – e por nossa transferência a essa “cultura jovem”. Nesse sentido, somos capazes de reconhecer inúmeras marcas inaugurais na adolescência, em um eterno retorno da diferença? Se a adolescência é temida, é porque suas irrupções fazem uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico. Ela encarna algo de enigmático, em nossas culturas – um duplo estranhamente familiar (Freud, 1919/2014) –, cuja formação é incitada pela mídia, sancionada pelos saberes *psi* e explorada pelo capital.

A este Outro temido, mas também idealizado, não hesitamos em matar, como ocorreu nas grandes guerras europeias e ocorre na periferia das cidades brasileiras, especialmente com a juventude negra. Nessa juventude temida, projetamos as forças destrutivas da nossa cultura? Em que medida conseguimos metaforizar as disruptivas expressões do adolescer? É significativo o trânsito da uma subcultura adolescente para a adolescentização da cultura. Ele parece sinalizar para um deslocamento na nossa relação com este Outro: agora, queremos encarnar sua já familiar estranheza. No entanto, talvez aponte para algo além. Seria a

adolescência, nas culturas em que ela consiste em um importante operador social e psíquico, um ponto privilegiado, em que se articulam forças, indizíveis e invisíveis, e o interminável trabalho de recobrir com palavras (literatura adolescente), dar à luz (*teenpicture*) e dotar de ritmo (rock'n'roll)? Seria a adolescência algo para o que não temos representações, mas, ao mesmo tempo, uma possibilidade de simbolização? Questões que permanecem ecoando, para além dos limites deste artigo.

## Referências

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, trad., 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Trabalho original publicado em 1960).
- Calligaris, C. (2009). *A adolescência*. São Paulo, SP: Publifolha.
- César, M. R. A. (1999). Da adolescência em perigo à adolescência perigosa. *Educar em Revista*, 1(15), 1-7. doi: 10.1590/0104-4060.187.
- Coutinho, L. G. (2009). *Adolescência e errância: destinos do laço social contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise* (Á. Cabral, trad., 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968).
- Freud, S. (2014). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 11: Totem e tabu e outros trabalhos, S. Terarolli, trad., pp. 9-176). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2014). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14: História de uma neurose infantil ("homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos, S. Terarolli, trad., pp. 249-311). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Gurski, R. (2008). *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual* (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15579>.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX* (M. Santarrita, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1994).
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Kerouac, J. (2012). *On the road – pé na estrada* (E. Bueno, trad.). São Paulo, SP: L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1957).
- Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência* (A. M. C. Guerra et al., trads.). Belo Horizonte, MG: PUC Minas. (Trabalho original publicado em 2013).
- Levisky, D. L. (2004). *Um monge no divã. O adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?): uma análise histórico-psicanalítica* (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19052005-173437/pt-br.php>.
- My Chemical Romance. (2006). Teenagers. In *The black parade* [CD]. Estados Unidos: Warner Music.
- Palacios, J. (2004). Introdução à psicologia evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva* (D. V. Moraes, trad., 2a ed., Vol. 1, pp. 13-53). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1993).



- Passerini, L. (1996). A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In G. Levi & J. Schimitt (Orgs.), *História dos jovens* 2 (N. Moulin, trad., pp. 319-382). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1994).
- Pink Floyd. (1972). Childhood's end. In *Obscured by clouds* [disco]. Reino Unido: Harvest.
- Rey, P. (1990). *Uma temporada com Lacan* (M. C. Sieni, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco. (Trabalho original publicado em 1989).
- Rodolfo, R. (1997). Um novo ato psíquico: a inscrição ou a escrita do nós na adolescência. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.), *Adolescência: entre o passado e o futuro* (pp. 271-280). Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Ruffino, R. (1995). Adolescência: notas em torno de um impasse. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 1(11), 41-46.
- Salinger, J. D. (2012). *O apanhador no campo de centeio* (A. Alencar, A. Rocha & J. Dauser, trads., 18a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora do Autor. (Trabalho original publicado em 1951).
- Savage, J. (2009). *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX* (T. M. Rodrigues, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco. (Trabalho original publicado em 2007).
- Sweet. (1974). Teenage rampage. In *Teenage rampage* [disco]. Estados Unidos: Essential Records.
- The Who. (1965). My generation. In *The Who sings my generation* [disco]. Estados Unidos: Brunswick Records.
- Weinmann, A. O. (2012). Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 382-390. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200016>.

**Revisão gramatical:** Amadeu de Oliveira Weinmann

**E-mail:** [weinmann.amadeu@gmail.com](mailto:weinmann.amadeu@gmail.com)

Recebido em julho de 2019 – Aceito em abril de 2020.